

Resenha

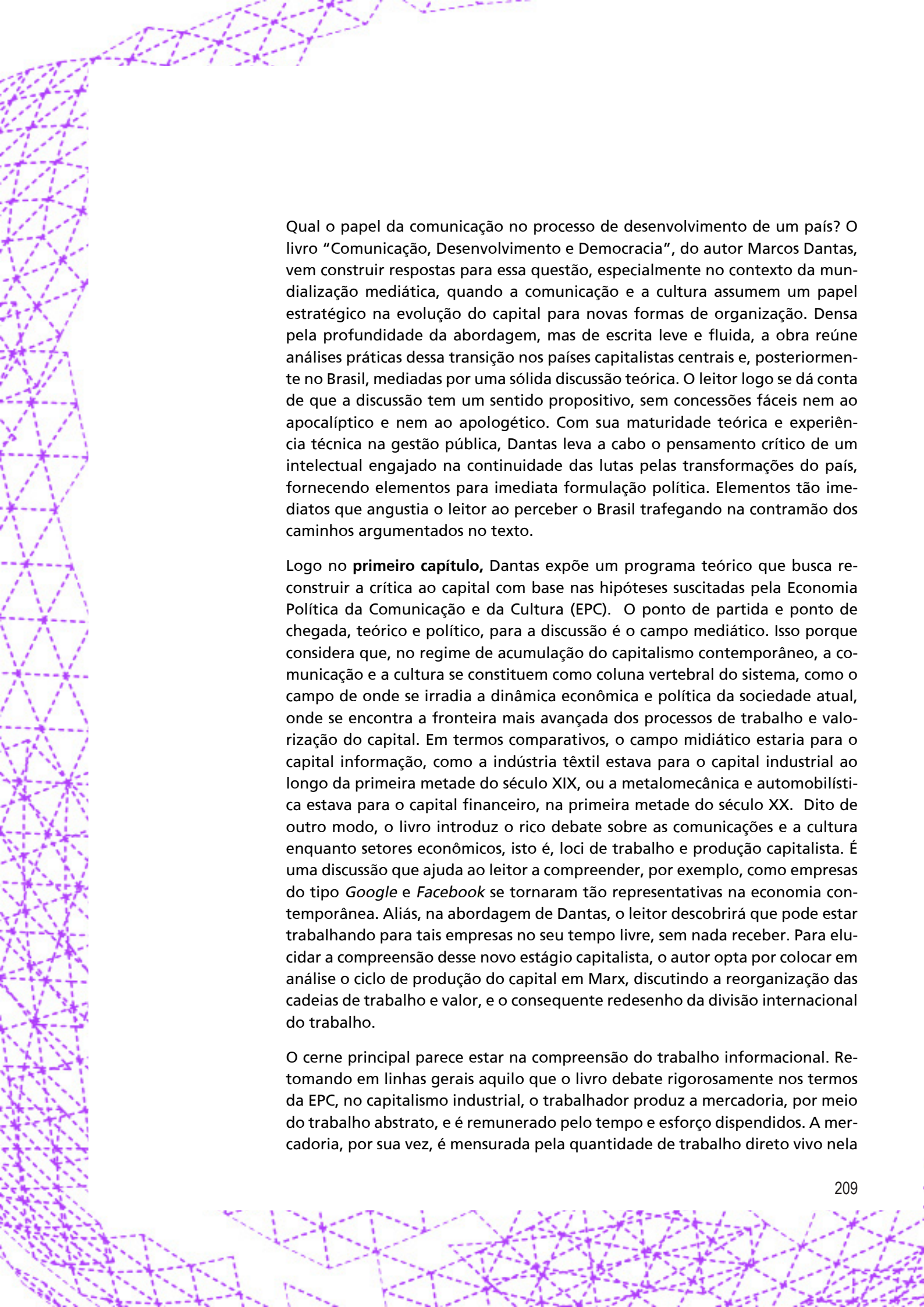
Comunicação, desenvolvimento, democracia.

Obra resenhada: DANTAS, Marcos. **Comunicação, Desenvolvimento e Democracia: Desafios brasileiros no cenário da mundialização mediática.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

Gabriela Dalila Bezerra Raulino

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Estudos da Mídia (UFRN), Especialista em Políticas Públicas (UFRN), Graduada em Comunicação Social - Jornalismo (UFRN). Docente no Curso Superior de Tecnologia em Produção Cultural (IFRN).

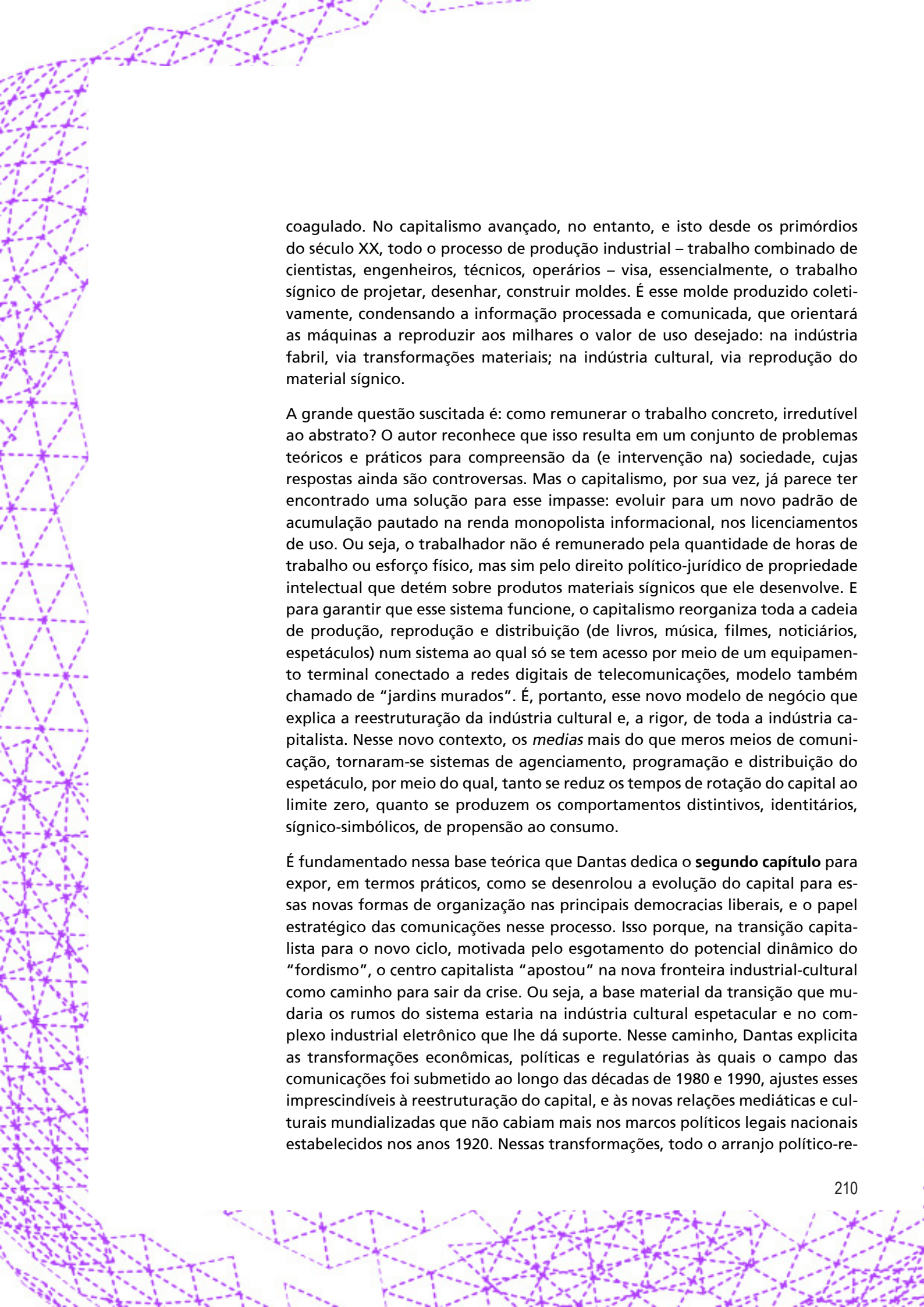
E-mail: gabrielaraulino@yahoo.com.br



Qual o papel da comunicação no processo de desenvolvimento de um país? O livro “Comunicação, Desenvolvimento e Democracia”, do autor Marcos Dantas, vem construir respostas para essa questão, especialmente no contexto da mundialização mediática, quando a comunicação e a cultura assumem um papel estratégico na evolução do capital para novas formas de organização. Densa pela profundidade da abordagem, mas de escrita leve e fluida, a obra reúne análises práticas dessa transição nos países capitalistas centrais e, posteriormente no Brasil, mediadas por uma sólida discussão teórica. O leitor logo se dá conta de que a discussão tem um sentido propositivo, sem concessões fáceis nem ao apocalíptico e nem ao apologético. Com sua maturidade teórica e experiência técnica na gestão pública, Dantas leva a cabo o pensamento crítico de um intelectual engajado na continuidade das lutas pelas transformações do país, fornecendo elementos para imediata formulação política. Elementos tão imediatos que angustia o leitor ao perceber o Brasil trafegando na contramão dos caminhos argumentados no texto.

Logo no **primeiro capítulo**, Dantas expõe um programa teórico que busca reconstruir a crítica ao capital com base nas hipóteses suscitadas pela Economia Política da Comunicação e da Cultura (EPC). O ponto de partida e ponto de chegada, teórico e político, para a discussão é o campo mediático. Isso porque considera que, no regime de acumulação do capitalismo contemporâneo, a comunicação e a cultura se constituem como coluna vertebral do sistema, como o campo de onde se irradia a dinâmica econômica e política da sociedade atual, onde se encontra a fronteira mais avançada dos processos de trabalho e valorização do capital. Em termos comparativos, o campo midiático estaria para o capital informação, como a indústria têxtil estava para o capital industrial ao longo da primeira metade do século XIX, ou a metalomecânica e automobilística estava para o capital financeiro, na primeira metade do século XX. Dito de outro modo, o livro introduz o rico debate sobre as comunicações e a cultura enquanto setores econômicos, isto é, loci de trabalho e produção capitalista. É uma discussão que ajuda ao leitor a compreender, por exemplo, como empresas do tipo *Google* e *Facebook* se tornaram tão representativas na economia contemporânea. Aliás, na abordagem de Dantas, o leitor descobrirá que pode estar trabalhando para tais empresas no seu tempo livre, sem nada receber. Para elucidar a compreensão desse novo estágio capitalista, o autor opta por colocar em análise o ciclo de produção do capital em Marx, discutindo a reorganização das cadeias de trabalho e valor, e o conseqüente redesenho da divisão internacional do trabalho.

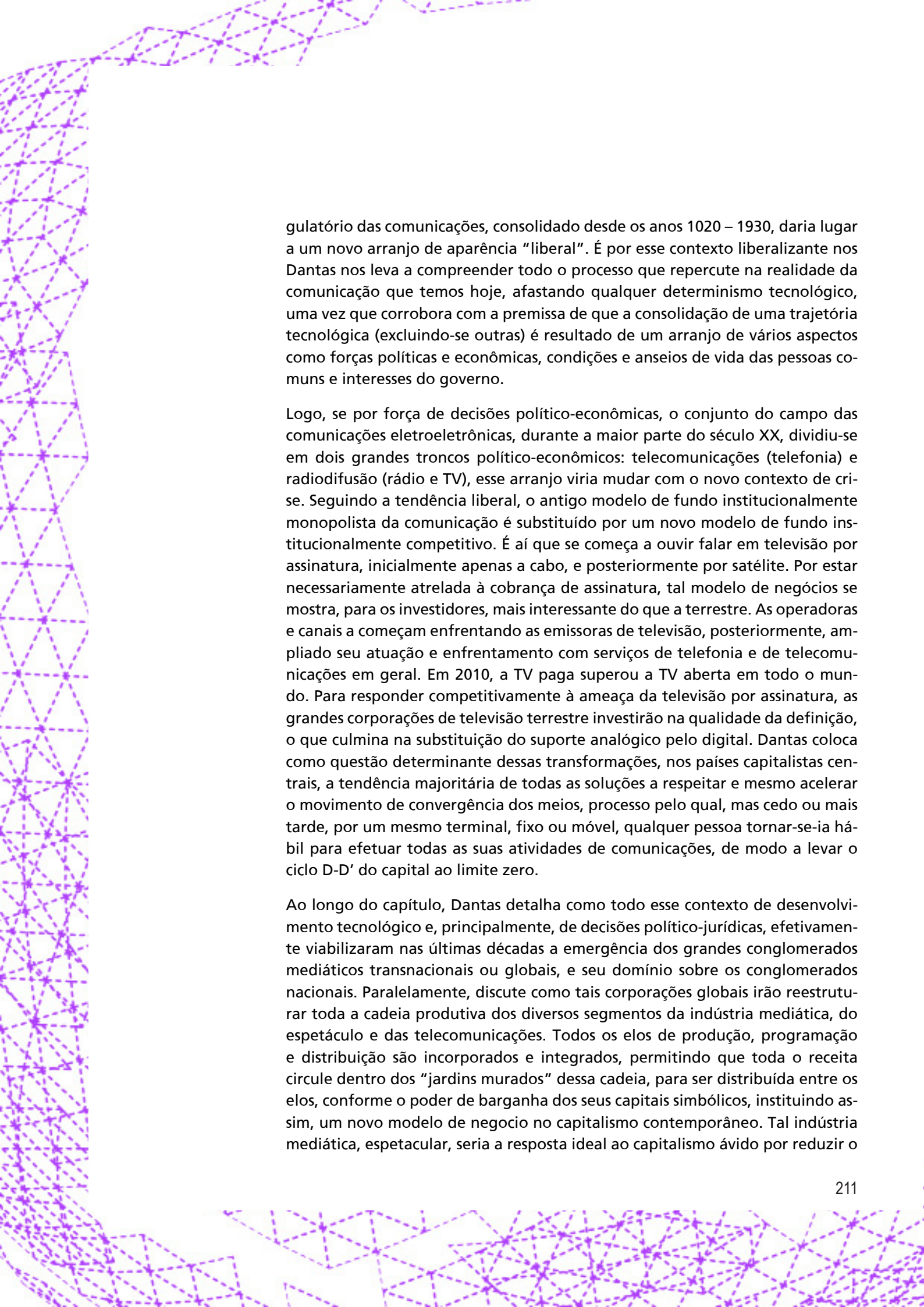
O cerne principal parece estar na compreensão do trabalho informacional. Retomando em linhas gerais aquilo que o livro debate rigorosamente nos termos da EPC, no capitalismo industrial, o trabalhador produz a mercadoria, por meio do trabalho abstrato, e é remunerado pelo tempo e esforço dispendidos. A mercadoria, por sua vez, é mensurada pela quantidade de trabalho direto vivo nela



coagulado. No capitalismo avançado, no entanto, e isto desde os primórdios do século XX, todo o processo de produção industrial – trabalho combinado de cientistas, engenheiros, técnicos, operários – visa, essencialmente, o trabalho sógnico de projetar, desenhar, construir moldes. É esse molde produzido coletivamente, condensando a informação processada e comunicada, que orientará as máquinas a reproduzir aos milhares o valor de uso desejado: na indústria fabril, via transformações materiais; na indústria cultural, via reprodução do material sógnico.

A grande questão suscitada é: como remunerar o trabalho concreto, irredutível ao abstrato? O autor reconhece que isso resulta em um conjunto de problemas teóricos e práticos para compreensão da (e intervenção na) sociedade, cujas respostas ainda são controversas. Mas o capitalismo, por sua vez, já parece ter encontrado uma solução para esse impasse: evoluir para um novo padrão de acumulação pautado na renda monopolista informacional, nos licenciamentos de uso. Ou seja, o trabalhador não é remunerado pela quantidade de horas de trabalho ou esforço físico, mas sim pelo direito político-jurídico de propriedade intelectual que detém sobre produtos materiais sógnicos que ele desenvolve. E para garantir que esse sistema funcione, o capitalismo reorganiza toda a cadeia de produção, reprodução e distribuição (de livros, música, filmes, noticiários, espetáculos) num sistema ao qual só se tem acesso por meio de um equipamento terminal conectado a redes digitais de telecomunicações, modelo também chamado de “jardins murados”. É, portanto, esse novo modelo de negócio que explica a reestruturação da indústria cultural e, a rigor, de toda a indústria capitalista. Nesse novo contexto, os *medias* mais do que meros meios de comunicação, tornaram-se sistemas de agenciamento, programação e distribuição do espetáculo, por meio do qual, tanto se reduz os tempos de rotação do capital ao limite zero, quanto se produzem os comportamentos distintivos, identitários, sógnico-simbólicos, de propensão ao consumo.

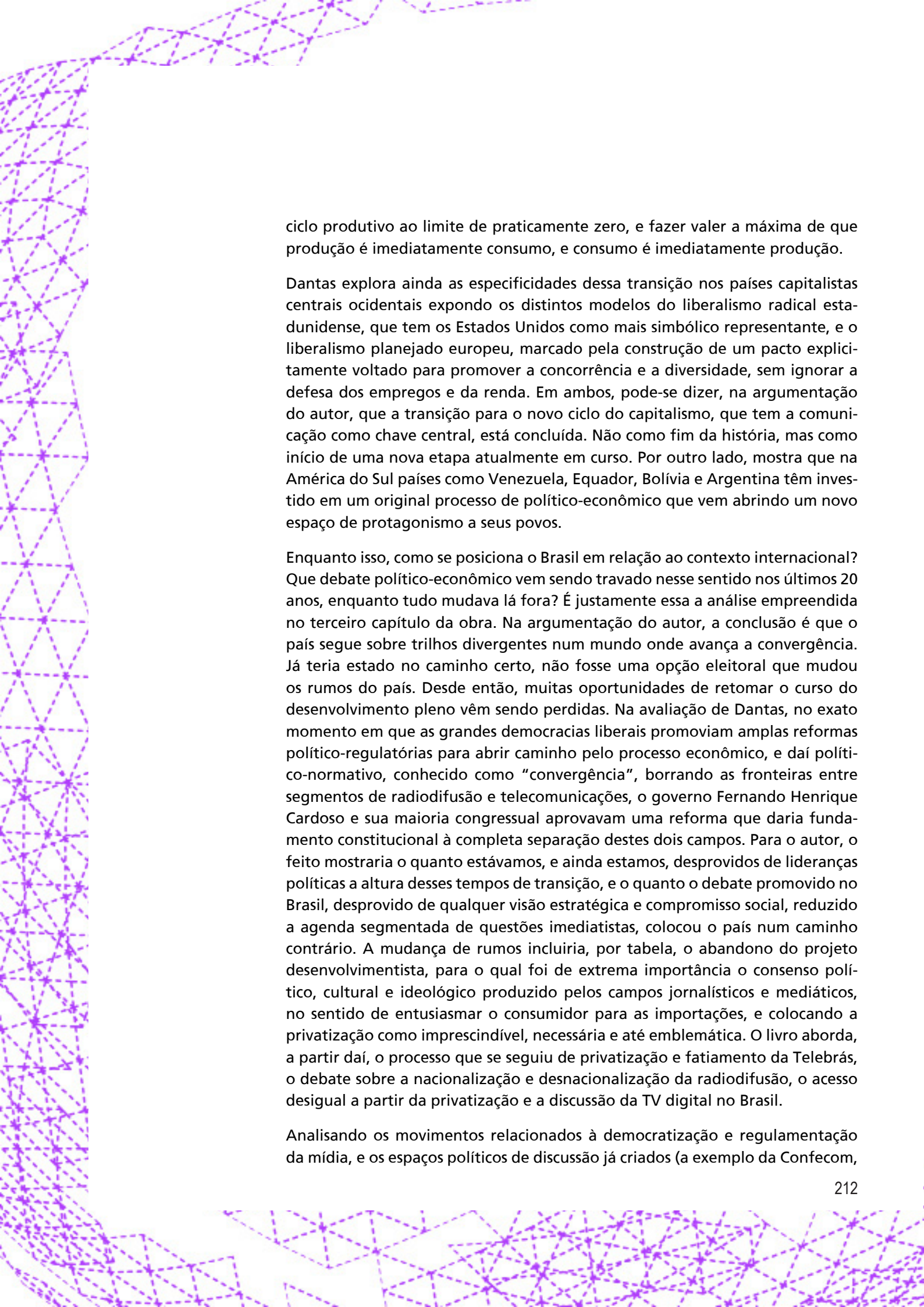
É fundamentado nessa base teórica que Dantas dedica o **segundo capítulo** para expor, em termos práticos, como se desenrolou a evolução do capital para essas novas formas de organização nas principais democracias liberais, e o papel estratégico das comunicações nesse processo. Isso porque, na transição capitalista para o novo ciclo, motivada pelo esgotamento do potencial dinâmico do “fordismo”, o centro capitalista “apostou” na nova fronteira industrial-cultural como caminho para sair da crise. Ou seja, a base material da transição que mudaria os rumos do sistema estaria na indústria cultural espetacular e no complexo industrial eletrônico que lhe dá suporte. Nesse caminho, Dantas explicita as transformações econômicas, políticas e regulatórias às quais o campo das comunicações foi submetido ao longo das décadas de 1980 e 1990, ajustes esses imprescindíveis à reestruturação do capital, e às novas relações mediáticas e culturais mundializadas que não cabiam mais nos marcos políticos legais nacionais estabelecidos nos anos 1920. Nessas transformações, todo o arranjo político-re-



gulatorio das comunicações, consolidado desde os anos 1920 – 1930, daria lugar a um novo arranjo de aparência “liberal”. É por esse contexto liberalizante nos Dantas nos leva a compreender todo o processo que repercute na realidade da comunicação que temos hoje, afastando qualquer determinismo tecnológico, uma vez que corrobora com a premissa de que a consolidação de uma trajetória tecnológica (excluindo-se outras) é resultado de um arranjo de vários aspectos como forças políticas e econômicas, condições e anseios de vida das pessoas comuns e interesses do governo.

Logo, se por força de decisões político-econômicas, o conjunto do campo das comunicações eletroeletrônicas, durante a maior parte do século XX, dividiu-se em dois grandes troncos político-econômicos: telecomunicações (telefonia) e radiodifusão (rádio e TV), esse arranjo viria mudar com o novo contexto de crise. Seguindo a tendência liberal, o antigo modelo de fundo institucionalmente monopolista da comunicação é substituído por um novo modelo de fundo institucionalmente competitivo. É aí que se começa a ouvir falar em televisão por assinatura, inicialmente apenas a cabo, e posteriormente por satélite. Por estar necessariamente atrelada à cobrança de assinatura, tal modelo de negócios se mostra, para os investidores, mais interessante do que a terrestre. As operadoras e canais a começam enfrentando as emissoras de televisão, posteriormente, ampliado seu atuação e enfrentamento com serviços de telefonia e de telecomunicações em geral. Em 2010, a TV paga superou a TV aberta em todo o mundo. Para responder competitivamente à ameaça da televisão por assinatura, as grandes corporações de televisão terrestre investirão na qualidade da definição, o que culmina na substituição do suporte analógico pelo digital. Dantas coloca como questão determinante dessas transformações, nos países capitalistas centrais, a tendência majoritária de todas as soluções a respeitar e mesmo acelerar o movimento de convergência dos meios, processo pelo qual, mas cedo ou mais tarde, por um mesmo terminal, fixo ou móvel, qualquer pessoa tornar-se-ia hábil para efetuar todas as suas atividades de comunicações, de modo a levar o ciclo D-D’ do capital ao limite zero.

Ao longo do capítulo, Dantas detalha como todo esse contexto de desenvolvimento tecnológico e, principalmente, de decisões político-jurídicas, efetivamente viabilizaram nas últimas décadas a emergência dos grandes conglomerados midiáticos transnacionais ou globais, e seu domínio sobre os conglomerados nacionais. Paralelamente, discute como tais corporações globais irão reestruturar toda a cadeia produtiva dos diversos segmentos da indústria midiática, do espetáculo e das telecomunicações. Todos os elos de produção, programação e distribuição são incorporados e integrados, permitindo que toda a receita circule dentro dos “jardins murados” dessa cadeia, para ser distribuída entre os elos, conforme o poder de barganha dos seus capitais simbólicos, instituindo assim, um novo modelo de negócio no capitalismo contemporâneo. Tal indústria midiática, espetacular, seria a resposta ideal ao capitalismo ávido por reduzir o

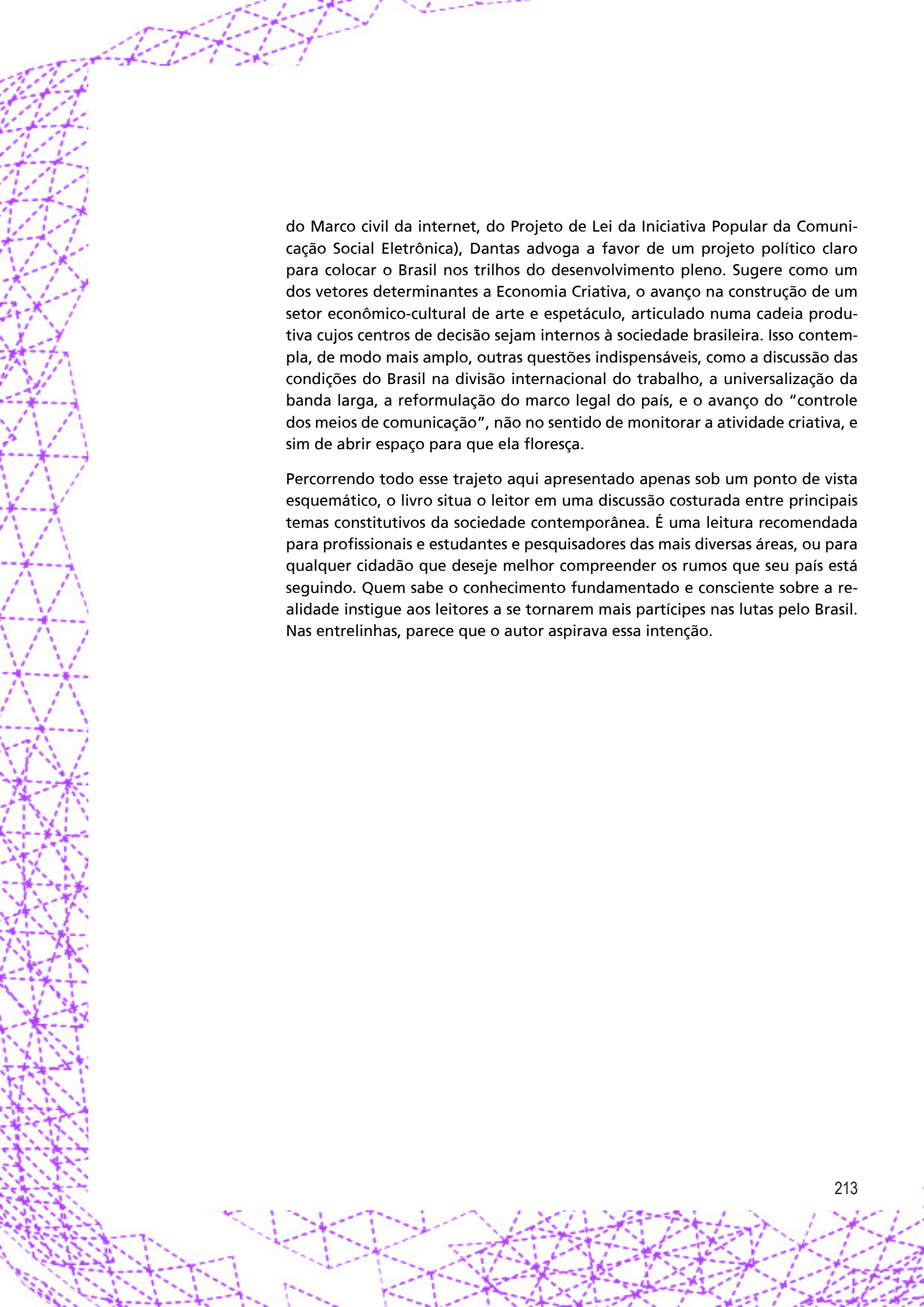


ciclo produtivo ao limite de praticamente zero, e fazer valer a máxima de que produção é imediatamente consumo, e consumo é imediatamente produção.

Dantas explora ainda as especificidades dessa transição nos países capitalistas centrais ocidentais expondo os distintos modelos do liberalismo radical estadunidense, que tem os Estados Unidos como mais simbólico representante, e o liberalismo planejado europeu, marcado pela construção de um pacto explicitamente voltado para promover a concorrência e a diversidade, sem ignorar a defesa dos empregos e da renda. Em ambos, pode-se dizer, na argumentação do autor, que a transição para o novo ciclo do capitalismo, que tem a comunicação como chave central, está concluída. Não como fim da história, mas como início de uma nova etapa atualmente em curso. Por outro lado, mostra que na América do Sul países como Venezuela, Equador, Bolívia e Argentina têm investido em um original processo de político-econômico que vem abrindo um novo espaço de protagonismo a seus povos.

Enquanto isso, como se posiciona o Brasil em relação ao contexto internacional? Que debate político-econômico vem sendo travado nesse sentido nos últimos 20 anos, enquanto tudo mudava lá fora? É justamente essa a análise empreendida no terceiro capítulo da obra. Na argumentação do autor, a conclusão é que o país segue sobre trilhos divergentes num mundo onde avança a convergência. Já teria estado no caminho certo, não fosse uma opção eleitoral que mudou os rumos do país. Desde então, muitas oportunidades de retomar o curso do desenvolvimento pleno vêm sendo perdidas. Na avaliação de Dantas, no exato momento em que as grandes democracias liberais promoviam amplas reformas político-regulatórias para abrir caminho pelo processo econômico, e daí político-normativo, conhecido como “convergência”, borrando as fronteiras entre segmentos de radiodifusão e telecomunicações, o governo Fernando Henrique Cardoso e sua maioria congressual aprovavam uma reforma que daria fundamento constitucional à completa separação destes dois campos. Para o autor, o feito mostraria o quanto estávamos, e ainda estamos, desprovidos de lideranças políticas a altura desses tempos de transição, e o quanto o debate promovido no Brasil, desprovido de qualquer visão estratégica e compromisso social, reduzido a agenda segmentada de questões imediatistas, colocou o país num caminho contrário. A mudança de rumos incluiria, por tabela, o abandono do projeto desenvolvimentista, para o qual foi de extrema importância o consenso político, cultural e ideológico produzido pelos campos jornalísticos e midiáticos, no sentido de entusiasmar o consumidor para as importações, e colocando a privatização como imprescindível, necessária e até emblemática. O livro aborda, a partir daí, o processo que se seguiu de privatização e fatiamento da Telebrás, o debate sobre a nacionalização e desnacionalização da radiodifusão, o acesso desigual a partir da privatização e a discussão da TV digital no Brasil.

Analisando os movimentos relacionados à democratização e regulamentação da mídia, e os espaços políticos de discussão já criados (a exemplo da Confecom,



do Marco civil da internet, do Projeto de Lei da Iniciativa Popular da Comunicação Social Eletrônica), Dantas advoga a favor de um projeto político claro para colocar o Brasil nos trilhos do desenvolvimento pleno. Sugere como um dos vetores determinantes a Economia Criativa, o avanço na construção de um setor econômico-cultural de arte e espetáculo, articulado numa cadeia produtiva cujos centros de decisão sejam internos à sociedade brasileira. Isso contempla, de modo mais amplo, outras questões indispensáveis, como a discussão das condições do Brasil na divisão internacional do trabalho, a universalização da banda larga, a reformulação do marco legal do país, e o avanço do “controle dos meios de comunicação”, não no sentido de monitorar a atividade criativa, e sim de abrir espaço para que ela floresça.

Percorrendo todo esse trajeto aqui apresentado apenas sob um ponto de vista esquemático, o livro situa o leitor em uma discussão costurada entre principais temas constitutivos da sociedade contemporânea. É uma leitura recomendada para profissionais e estudantes e pesquisadores das mais diversas áreas, ou para qualquer cidadão que deseje melhor compreender os rumos que seu país está seguindo. Quem sabe o conhecimento fundamentado e consciente sobre a realidade instigue aos leitores a se tornarem mais partícipes nas lutas pelo Brasil. Nas entrelinhas, parece que o autor aspirava essa intenção.